

# ***Fracasso e suicídio em Emil Cioran\****

**Paulo Jonas de Lima Piva**

Doutorando em filosofia pela Universidade de São Paulo, bolsista Fapesp  
e autor de *O ateu virtuoso: materialismo e moral em Diderot*  
(Discurso Editorial/Fapesp).

*"Não sei viver"* Wander Wildner

*Para Alexandra Mari,  
a mais doce e adorável das suicidas.*

Um Schopenhauer sem compaixão nem consolos, um Nietzsche sem *amor fati* nem além-do-homem, uma espécie Diógenes sutil e cultivado: a junção de tais imagens talvez forneça a definição mais precisa e fiel acerca de Emil Cioran, um pensador visceralmente orgânico que proferiu um dos mais demolidores, radicais, rancorosos e lúcidos discursos contra o homem, a vida e as tentativas de criação de sentido, certamente um dos mais fulminantes ataques metafísicos já feitos na história do pensamento ocidental contra a existência na sua essência e totalidade.

Tomando como ponto de partida a fisiologia, Cioran atribui a origem do seu pessimismo filosófico à insônia. Aos 20 anos, tornou-se um noctívago, um tresnoitado imprestável. Por ser um insone, pôde compreender a existência em sua nudez, isto é, teve acesso ao absurdo e ao *Nada* do Ser. Ao contrário das pessoas que desfrutam da prerrogativa do sono e, sobretudo, do sonho, o insone, imerso em sua depressão profunda, sente o tempo de um modo bastante peculiar. Para aqueles que conseguem dormir o tempo é muito simples: inicia-se quando acordam, prolonga-se durante o trabalho e as ocupações cotidianas, e finda-se quando dormem, para recomençar mecanicamente com um outro despertar, o qual causa a ilusão de um novo dia, a sensação enganosa de um tempo renovado. O insone, por sua vez, é privado da ilusão da descontinuidade que o sono provoca, sentindo profundamente que o tempo não tem interrupção, que é sempre contínuo. Suas vigílias são, portanto, eternos pesadelos. Assim sendo, ele não vê nenhuma diferença essencial entre o dia e a noite, os segundos e os anos. Para o insone, o tempo não passa, não contém a fluidez caudalosa do rio de Heráclito. E sem a ilusão da renovação, o tempo revela-

\* Versão resumida da palestra proferida no Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 6 de setembro de 2002, ao NUFOR (Núcleos de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica).

se insípido, vazio, gratuito e sem finalidade. Numa palavra, insuportável. Eis então que Cioran descobre o grande segredo da condição humana: o sono. É ele que torna a vida respirável, pois nos impede de termos a consciência de que o tempo é inexoravelmente incessante e absurdo. No entender de Cioran, dorme-se não para descansar, mas para se esquecer do tempo. Para se ter uma idéia do quanto dormir é vital, vale mencionar que a proibição do sono era utilizada no passado como tortura para arrancar confissões de prisioneiros recalcitrantes. Nesse sentido, Cioran conjectura que, se um dia, toda a humanidade fosse impedida de dormir, a história se consumiria rapidamente. Talvez por meio de carnificinas e de suicídios em massa. Em suma, a insônia foi a maior experiência existencial e filosófica de Cioran. Tal anomalia o conduziu à *lucidez*, ou seja, à consciência do vazio, da gratuidade e do *Nada* intestino de tudo o que existe. "A lucidez completa é o nada", conclui melancolicamente o pessimista.<sup>1</sup> E completa: "Só há iniciação ao nada – e ao ridículo de estar vivo".<sup>2</sup>

A radicalidade dessa lucidez orgânica e metafísica afetou Cioran por inteiro, destruindo o fundamento de todos os seus valores, crenças, entusiasmos e sentidos. Dito de outro modo, a "sabedoria da desilusão"<sup>3</sup> fez Cioran perder a capacidade de ter fé, tornando-se assim um cético. Os embevededores sistemas filosóficos com suas explicações abstratas e com os seus conceitos sem raízes nas emoções e na fisiologia perderam para ele todo o significado. O mesmo se deu com a religião, com os seus valores humanistas e humanitários, com a ciência, com a política, com o amor e até com a arte. Em outras palavras, as células de Cioran o condenaram ao filosofar e à insônia, que o condenaram, por sua vez, à lucidez, que o condenou ao desalento, ou seja, ao fracasso existencial. A causa fundamental de tudo isso foi o fato dele ter ido às últimas conseqüências na tentativa de desvendamento metafísico do mundo, destruindo assim todos os mitos e todas as mentiras que tornam uma vida minimamente tolerável. Ele não teve a prudência e um outro tipo de sabedoria que é a de pôr rédeas na nossa vontade de verdade. Desse modo,

1 JAKOB, M. "Leçons de sagesse" (entretien). In: Magazine littéraire, n 327, dez 1994, p. 22

2 CIORAN, E. *Breviário de decomposição*. Tradução de José Thomaz Brum. Rocco: Rio de Janeiro, 1989, p. 20

3 BRUM, J. T. "A sabedoria da desilusão". In: CIORAN, E. *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988, p. 7

acabou vítima da sua razão camicase e do seu instinto desmistificador e iconoclastico. Como resultado, tornou-se um obsessivo pela idéia do *suicídio*, chegando a pensar seriamente em se matar. Totalmente dominado pela depressão, escreveu em 1934, em romeno, *Nos cumes do desespero*, o primeiro livro de sua carreira, no qual ele relata todo o seu martírio de insone filosofante. Ao que tudo indica, Cioran tentou de fato se suicidar, mas malogrou. Malsucedido na vida e na morte, ele amargou então um duplo fracasso: não conseguir viver tampouco se matar.

Mas por que Cioran fracassou no seu projeto de se suicidar? Para um lúcido implacável que reduz *Tudo* a *Nada* e que conclui que a vida é uma futilidade que não vale a pena ser vivida, não seria o suicídio o seu destino lógico e inevitável?

"Só vivo porque posso morrer quando quiser: sem a *idéia* do suicídio já teria me matado há muito tempo".<sup>4</sup> Paradoxalmente, a obsessão de Cioran por se matar o impediu de se suicidar, preenchendo, ao que parece, o vazio dos seus dias de aristocrata *raté* e o desespero das suas madrugadas de insônia. Como podemos ver, o pensador romeno procura justificar o seu aparente paradoxo. Declara, por exemplo, que "só se suicidam os otimistas, os otimistas que não conseguem mais sê-lo. Os outros, não tendo nenhuma razão para viver, por que teriam para morrer?".<sup>5</sup> Declara também, com um humor bastante refinado, que "não vale a pena matar-se, pois nos matamos sempre muito tarde".<sup>6</sup> Em contrapartida, Cioran não deixa de ressaltar que "um suicida faz mais do que um não-suicida".<sup>7</sup> De qualquer modo, ele parece atribuir ao hábito de existir o principal motivo do seu fracasso como suicida: "Aquele que, por descuidos sucessivos, esqueceu de matar-se, dá a si mesmo a impressão de um veterano da dor, de um aposentado do suicídio".<sup>8</sup> Em outras palavras, um pessimista pode se acostumar com o *Nada*, abandonando assim a idéia de se matar. Viver, para

4 CIORAN, E. *Silogismos da amargura*. Tradução de José Thomaz Brum. Rocco: Rio de Janeiro, 1991, p. 47

5 Id., *ibid.*, p. 56

6 CIORAN, E. "De l'inconvénient d'être né". In: Oeuvres. Gallimard: Paris, 1995 p. 1290

7 CIORAN, E. "Les crépuscule des pensées". In: Oeuvres. Gallimard: Paris, 1995 p. 403

8 CIORAN, E. *Silogismos da amargura*, p. 91

esse insatisfeito inconsolável, passa a ser um costume e, com o decorrer dos anos, um vício ou até mesmo uma resignação. Fernando Savater, em sua tese sobre Cioran, acrescenta a propósito do suicídio que "matar-se é um *ato de fê*"<sup>9</sup>, ou seja, uma postura que deriva de um assentimento a uma conjectura pessimista que se julga verdadeira. Mas como Cioran é um cético, isto é, como ele duvida de suas próprias idéias e obsessões, ele jamais se mataria por acreditar nas representações e nas impressões da sua consciência lúcida. Não obstante, a questão permanece: como um pessimista assim tão radical e abnegado consegue suportar o ônus arrasador do seu pessimismo?

A esse dilema Cioran responde o seguinte: "O pessimista deve inventar cada dia novas razões de existir: é uma vítima do 'sentido' da vida".<sup>10</sup> Mais: "O segredo de minha adaptação à vida? Mudei de desespero como quem muda de camisa".<sup>11</sup> É curioso notar a esse respeito que se, por um lado, Cioran nunca amou a vida à maneira nietzschiana do amor fati, por outro, nunca conclamou ninguém a se matar. Sua radicalidade foi tão corrosiva que ele envenenou com a beleza dos seus aforismos cínicos tanto a vida quanto o suicídio, inviabilizando ambos. Nesse sentido, é importante salientar que, a despeito de ter feito o diagnóstico e a crítica dos enganos, Cioran afirma que as ilusões são o fundamento de uma existência suportável. Mesmo assim, não propôs consolos estéticos ou nirvânicos como Schopenhauer. Pensar com rigor, na sua perspectiva desenganada, é implodir, é deixar de venerar, é, em última instância, autodestruir-se na mais lenta e atroz das autofagias reflexivas, o que leva a crer que o fracasso sempre será inevitável e, sobretudo, irremediável, para todo aquele que, por ingenuidade ou por algum distúrbio orgânico — como a insônia, por exemplo — colocar em dúvida nossas ilusões mais primordiais.

9 SAVATER, F. *Ensaio sobre Cioran*. Editorial Espasa-Calpe: Madrid, 1992, p. 59

10 CIORAN, E. *Silogismos da amargura*, p. 16

11 Id., *ibid.*, p. 86

**Resumo** *Um ser saudável não tem preocupações metafísicas. Um homem que sorri e canta não vai fundo em suas reflexões. Só aos rasos, aos que dormem e aos delirantes é dado o matrimônio com a Vida. Um cogito insone, obsessivo e camicase é, portanto, uma aberração fisiológica, uma patologia irremediável que institui o Nada, e com ele a maior das maldições: a lucidez. Emil Cioran (1911-1995), pensador romeno de escrita francesa, padeceu desse mal. E como um desencantado, cético e insone, fez do suicídio a sua questão visceral e onipresente.*

**Palavras-chave** *insônia, lucidez, absurdo, Nada, suicídio, fracasso, pessimismo*

**Abstract** *A healthy being does not have metaphysical worries. A man that smiles and sings does not go so far in his speculations. Only the shallow, the asleep and the delirious men can have a wedlock with Life. An insomniac cogito, an obsessive and kamikaze one is, therefore, a physiological aberration, an incurable pathology that settles the Nothingness, and along with it the greatest curse: lucidity. Emil Cioran (1911-1995), a Romanian thinker with French writing, experienced that. And as a disenchanting, sceptical and insomniac man, he took suicide as his visceral and omnipresent question.*

**Keywords** *insomnia, lucidity, absurd, Nothingness, suicide, failure, pessimism*